



A potência do método de perguntas e respostas em Pina Bausch: deslocamentos em educação

Fernanda Monteiro Rigue^[1]

Ana Paula Parise Malavolta^[2]

RESUMO: O presente manuscrito se trata de um ensaio (LARROSA, 2003) que trama a composição da oficina “Experimentação corporal” a partir do método de perguntas e respostas de Pina Bausch. Lança alguns estratos e possibilidades dimensionadas pela experiência oficineira com a ampliação da compreensão do corpo em educação. Devir-criança, aventura e criação são transversalidades habitadas enquanto percebemos a potência da força da vida e do pensamento como afirmação da existência em processos educativos, experimentando esse corpo que habita o acaso, singulariza, deseja e desloca-se em educação.

PALAVRAS-CHAVE: Educação. Oficina. Corpo.

A question and answer method in Pina Bausch: displacements in education

ABSTRACT: This manuscript present is an essay (LARROSA, 2003) that outlines the composition of the workshop 'Body experimentation' using the question and answer method of Pina Bausch. It introduces some strata and possibilities dimensioned by the workshop experience with the expansion of the understanding of the body in education. Child-becoming, adventure and creation are inhabited transversalities while we perceive the power of life force and thought as an affirmation of existence in educational processes, experiencing this body that inhabits chance, singularizes, desires and moves in education.

KEYWORDS: Education. Workshop. Body.

ABERTURA

A vida de quem trilha, andarilha vivências em educação, por vezes é palco por onde passam forças, microlinhas que tocam, aproximam-se. Pequenos fios que chegam até nossas superfícies, contribuindo para que coisas aconteçam, passem a acontecer. Acontecimentos que se efetuam e instalam-se atingindo nossos corpos, sentidos, errâncias, composições. A educação como acontecimento do mundo nos apresenta uma diversidade de vivências que vamos costurando com os mais diversos fios e elementos que selecionamos a partir das experimentações que extraímos da/na/com a vida.

Em todo acontecimento, há de fato o momento presente da efetuação, aquele em que o acontecimento se encarna em um estado de coisas, um indivíduo, uma pessoa, aquele que é designado quando se diz: pronto, chegou a hora; e o futuro e o passado do acontecimento só são julgados em função desse presente definitivo, do ponto de vista daquele que o



encarna. Mas há, por outro lado, o futuro e o passado do acontecimento tomado em si mesmo, que esquiva todo presente porque está livre das limitações de um estado de coisas, sendo impessoal e préindividual, neutro, nem geral nem particular, *eventum tantum...*; ou antes que não tem outro presente senão o do instante móvel que o representa, sempre desdobrado em passado-futuro, formando o que convém chamar de contra-efetuação. Em um dos casos, é minha vida que me parece frágil demais para mim, que escapa num ponto tornado presente numa relação determinável comigo. No outro caso, sou eu que sou fraco demais para a vida, a vida é grande demais para mim, lançando por toda a parte suas singularidades, sem relação comigo nem com um momento determinável como presente, salvo com o instante impessoal que se desdobra em ainda-futuro e já-passado (DELEUZE, 2000, p. 177-178).

A seleção do mundo, a criação de coerência pela assimilação-eliminação cria modos de relação específicos, singulares em sua configuração. Modos os quais se perpetuam no tempo em um contágio de si que forma uma série de variações: contágio de si para si que produz um “si outro”. Neste modo de variar a si em outro, os modos forjam um estilo entre a diferença e a repetição: uma cadeia contingente de acontecimentos a formar uma complexa trama que dá corpo ao que denominamos mundo.

É sobre um acontecimento da vida/mundo que o presente estudo se debruça. Uma oficina intitulada “Experimentação corporal” que foi realizada em meados de 2019, como parte integrante da programação de uma semana acadêmica em alusão a Luta Antimanicomial promovida pelo curso superior de Psicologia de uma instituição privada, situada na região sul do Brasil.

De modo ensaístico, como “uma figura do caminho da exploração, do caminho que se abre ao tempo em que se caminha” (LARROSA, 2003, p. 112), nos colocamos em um movimento de atentar para essa experimentação pela via das microlinhas que dizem das sensações, marcas, pulsões ativas que foram possíveis de serem acessadas por um experimentar. Composição que foi habitar particular e coabitar coletivamente essa oficina. Uma potência de um devir:

Em outras palavras, a ideia de ‘devir’ está ligada à possibilidade ou não de um processo se singularizar. Singularidades femininas, poéticas, homossexuais ou negras podem entrar em ruptura com as estratificações dominantes. Esta é a mola-mestre da problemática das minorias: uma problemática da multiplicidade e da pluralidade e não uma questão de identidade cultural, de retorno ao idêntico, de retorno ao arcaico (GUATTARI; ROLNIK, 2008, p. 86).

De um devir-criança, pela via de uma atenção para o que se passou, estabeleceu, pulverizou no/com/sob o corpo.

Se por um lado enfrentamos esse cenário que vigora pelo esclarecimento, que prima por seu potencial concentrado no pensamento racional das ideias, numa educação pela representação, pela certeza e clarificação das significâncias, por outro, podemos experimentar as singularidades, essa potencialidade de abrir espaços para o que de fato somos e se abrir para



uma educação das expressões dos diferentes modos de vida (GUARIENTI, 2018, p. 117).

O devir-criança, neste contexto, nos mostrou que é singular das crianças a invenção e a criatividade ou a facilidade de enveredar pelos distintos e insólitos universos sensíveis e inventivos.

Um devir-criança da criança que escapa às categorias que tentam enquadrar, como, por exemplo, a de gêneros, e se quer livres de nomeações substanciais em relação ao seu devir, pura força em devir-criança, aclassificável, um ser cambiante, transmutável, capaz de atravessar as formas materiais que o corpo físico o aprisiona e desejar o corpo que lhe caiba pela sensação em devir-outro (GUARIENTI, 2018, p. 120).

O imaginário-criança é o das afecções sensíveis, dos acoplamentos cognitivos, da invenção de linguagens para descobertas vividas. Um imaginário-criança não busca o verdadeiro, pois experimenta, inventa e seleciona. Não analisa no duplo lógica-racionalidade, mas afeta e deixa-se afetar. Não se prende a identidades e limites, embarca na expansão, extrai do mundo suas modulações e forças (CECCIM; PALOMBINI, 2009). Deix(ar) fluir.

Com efeito, buscamos nesta escrita lançar alguns estratos e possibilidades dimensionadas pela experiência oficinaira vivenciada, na perspectiva de costurarmos caminhos possíveis para compor pensamentos que se tramam com o corpo, devir-criança e seus elementos de aventura e criação.

Oficina: movimentos e conceitos vivos

A oficina “Experimentação corporal” aconteceu tendo como estratégia de ação principal o Método de perguntas e respostas de Pina Bausch. À frente da Companhia de Dança-teatro *Wuppertal Tanztheater*, Pina Bausch ficou conhecida pela potência de suas obras e pelos temas que abordava. Foi lá também que desenvolveu o método de processo criativo que marcou sua carreira e a história da dança-teatro, criando uma forma de trabalho que ultrapassa as barreiras entre teatro, dança e performance e privilegia o conteúdo trazido por seus intérpretes-criadores para a construção da cena (PEREIRA, 2018) .

Sem demora, o método de perguntas e respostas desenvolvido por Pina Bausch é analisado por Cláudia Galhós (2010), no livro *Pina Bausch - ensaio biográfico*, como um dispositivo poético que se constitui por meio do direcionamento de questões, palavras, temas, imagens, tomados como códigos ou signos mobilizadores de atuações e composições poéticas. Outro aspecto que mobilizou o método de criação “Estímulos e Respostas” é o fato de a companhia de Pina ser composta por artistas de várias nacionalidades e culturas, com formações distintas. Essa pluralidade e diferença cultural se refletiu nos movimentos e na composição de cada trabalho desenvolvido por Pina.



Na concepção de montagem da dança-teatro, Pina recorreu a métodos conhecidos da arte cinematográfica, tais como: fragmentação do gesto, repetição de uma sequência, efeito de focalização, olhares para a câmara, elipse narrativa, montagem em câmara rápida; como se a maneira de coreografar passasse por um olhar mediado pela câmara ou a mesa de montagem do cinema (GALHÓS, 2010, p. 37). Destarte, para Galhós (2010, p. 46), o interesse de Pina com esse método não estava na elaboração do movimento corporal dançante em si, mas sim em seu impulso, na vontade ou necessidade interna que dava origem à ação, que se revelava por meio de imagens de singularidades em movimento. O processo criativo desenvolvido por Bausch busca o reencontro com a memória do que se foi, com os traços que nos marcam e nos remetem a uma construção daquilo em que nos tornamos no presente. É também uma descoberta: a de se dar conta de quem se é, com a possibilidade de se reinventar, vislumbrar outra maneira de contar sua própria história, resgatar não só a lembrança, mas a falta, a incompletude, e edificar ainda o que não se é (MOTTA, 2019).

Amparadas e mobilizadas por este método e nas perspectivas poéticas de Pina Bausch, propomos a oficina “Experimentação Corporal”, com o intuito de dimensionar a potência da corporeidade a estudantes do curso de Psicologia presentes na oficina. Por meio das seguintes palavras/frases/perguntas: “Olhar Presente”; “O que você faz para se acalmar?”; “Vontade”; “Resistência”; ofertamos um espaço de criação, invenção e expressividade para os estudantes participantes da oficina.

A noção de oficina que atravessa essa vivência é aquela que:

[...] põe-se como um trabalho de formação de educadores, de pessoas capazes de criar situações de diálogo com as pessoas interessadas pelo que está sendo proposto. O emprego dessas estratégias visa antes a quebra de hierarquias tanto entre os saberes quanto entre as pessoas, o que levaria a situações de educação não autoritárias (CORRÊA, 1998, p. 70).

Como “[...] um modo de fazer, uma abertura para o que acontece, para o encontro, para as relações que se estabelece, perceber e acompanhar o que acontece quando a gente se coloca à prova, quando se tenta chegar ao limite, à quebra, a fuga” (RIBEIRO, 2018, p. 201). Nesta oportunidade, percebemos a dificuldade por parte dos estudantes de Psicologia em produzir possíveis respostas às problematizações a partir de seus corpos. Visualizamos neste contexto, a influência de discursos normatizadores sobre neutralidade e não expressão que historicamente são reverberadas no campo das instituições: inclusive da educação escolar e da formação em Psicologia, principalmente pela vertente psicanalítica ortodoxa.

O perigo de experimentar pensar o não pensável, o impossível. O medo que isso produz nos corpos. O calafrio que sentimos na descoberta de uma



decisão para um possível outro. O não acomodamento do pensamento, as procuras por aquilo que não plasma. A procura de um pensamento nascente e morrente a cada vez que vagamos abertos ao desconhecido (GUARIENTI, 2012, p. 208).

Diante do entrave que alimenta uma dificuldade de expressão da corporeidade, sugerimos então que os estudantes pudessem fazer uso de alguns artefatos, objetos, escritas, desenhos e rabiscos buscando materializar as respostas, sensações e inquietações suscitadas pelas perguntas lançadas. Algumas das tantas ações/respostas que emergiram a partir da oficina podem ser tensionadas a partir de alguns registros, obtidos por meio de fotografias, que adicionamos a seguir:

Figura 1: “O que você faz para se acalmar?”.



Fonte: Acervo das pesquisadoras (2019).

Figura 2: “Resistência”



Fonte: Acervo das pesquisadoras (2019).



A vivência desta oficina ressoou em nós,icineiras, inúmeras afecções, inquietações, desamparos, pausas, ansiedades. Intensidades que permitiram “[...] esparramar-se geograficamente pelos espaços abertos” (GUARIENTI, 2012, p. 215), dando a chance de uma fluidez viva do intensivo. Com efeito, esta experiência mobilizou, sobretudo, o modo pelo qual vivenciamos, experimentamos e sentimos e nossos corpos. Como aquilo que escreve Bergson (1999):

Meu corpo é, portanto, no conjunto do mundo material, uma imagem que atua como as outras imagens, recebendo e devolvendo movimento, com a única diferença, talvez, de que meu corpo parece escolher, em uma certa medida, a maneira de devolver o que recebe (p. 14).

O corpo reverbera em si próprio os efeitos, ressonâncias e forças que espelham modos de sentir, ser, apresentar-se e viver no mundo. Estes efeitos são constituídos por determinantes sociais, culturais, educacionais, políticos, que de modo histórico e estético delimitam caminhos às diferentes singularidades acerca dos modos de apresentação dos corpos.

O processo de deslocamento para a invenção de corporeidades pode estimular a construção de novos modos de habitar, ao dar a chance de romper com a lógica de um mero reconhecimento daquilo que já se sabe e propor dobras, maquinações outras. Como aprendizagens errantes deambulantes “[...] que não têm um objetivo final, e se há a possibilidade de um final, não se sabe onde é, pois a sina do deambular é seguir adiante, sempre. Ela é uma tarefa infinita (GUARIENTI, 2012, p. 214). Processo de deslocar-se, como uma arte que aproxima o risco, o impulso, somando forças, transmutando valores. Como um “[...] ‘entusiasmo’ que afecta o próprio corpo” (DELEUZE, 1965, p. 13), rizomando a criança em si, pela potência do que toca, do que sente, das diferenciações.

Das tantas estratégias adotadas pelos estudantes participantes da oficina, uma delas, registrada pela Figura 3, foi provocada pela palavra “Vontade”. Aqui, vislumbramos uma linha outra, uma fissura, uma vontade do risco, no risco. Uma força ativada por uma singularidade, que ousa um experimentar-se. Uma vontade do risco, do alto, do abismo, do incerto. Uma predisposição ao afecto. Ao ser afetado e afetar pelo gesto, pela potência da potência (AGAMBEN, 2009).

Figura 3: “Vontade”.



Fonte: Acervo das pesquisadoras (2019).

Esta era uma das grandes perspectivas de Pina Bausch: trazer sentidos, história, linguagem e gestos aos movimentos do corpo de seus bailarinos. Sua busca era desdobrar afetos genuínos ao fazer da dança-teatro, uma vez que a arte está na vida e vida está na arte. Nesta acepção, entendemos que o corpo vai sendo modulado pela capacidade de afetar outros corpos e ser por eles afetado sem se destruir, regenerando-se com eles e os regenerando (MALAVOLTA; RIGUE; BIAZUS, 2020, p. 109).

No *ethos-paisagem* de Pina Bausch, evidencia-se, pois, mais uma geografia dos afetos, dos relevos emocionais de um indivíduo perante o mundo das coisas e as coisas do mundo, do que precisamente dados concretos ou históricos de uma dada localidade, de uma história ou de uma cultura particular (PEREIRA, 2012). Em Pina, a paisagem opera mais como uma síntese dramática das qualidades presentes em um espaço e no que esse espaço dá a ver, sentir e pensar, do que propriamente um quadro a ser esquadrihado, uma quantidade a ser mensurada ou uma história ser verificada (PEREIRA; SCHUQUEL; MALAVOLTA, 2019).

Disparos de pensamento

O planejar e desenvolver da oficina “Experimentação corporal” trouxe para perto a chance de pensarmos e, ao mesmo tempo, tensionarmos o que fizemos e continuamos fazendo com o corpo, no cenário das instituições que nos atravessam, subjetivam e agenciam permanentemente.



Com Deleuze (2018) é possível concebermos que um corpo trata-se da “[...] relação entre forças dominantes e forças dominadas” (p. 56). Um corpo químico, biológico, social, político, como “[...] fruto do acaso (...) fenômeno múltiplo” (DELEUZE, 2018, p. 56). Corpo que é permanentemente afetado e produz afetações. Corpo que é, desde a infância, foco de investidas individuais e coletivas que dizem de uma espécie de conduta de relação do ser humano com seu próprio corpo.

O corpo da criança é, na maior parte das vezes, apenas um ‘lugar’ para ser limpo, cuidado e, quase nunca, para ser desfrutado, acariciado e mobilizado. Várias gerações de mães foram objeto de preceitos pediátricos que indicavam, como única alternativa, a educação da criança com distância e rigidez, um processo que se assemelha a domagem (SAMPAIO, 1991, p. 53).

Desde a infância o contato da pele com a própria pele é capturado por artefatos que constituem representações culturais (propagadas por meio de narrativas, atitudes e também instâncias institucionalizadas). Como aquilo que Sampaio (1991) chama de “[...] comandos de ‘fique calado’, ‘fique quieto’ e ‘seja obediente’” (p. 56), os quais operam pela produção de uma opressão e constrangimento do “[...] corpo infantil, obrigando-o a uma disciplina tida como condição para o sucesso escolar e, obviamente, o social” (SAMPAIO, 1991, p. 56). Uma série de agenciamentos que acabam por conter e, por vezes, reprimir a potência das sensações, do calor do toque, das pulsões imateriais que estão todas mobilizadas quando se encontra o ser humano, consigo mesmo e, com outros corpos.

É desde o agenciamento físico e motor, até o agenciamento da mente, que as instituições têm operado sobre os corpos produzindo o desejo adequado à efetivação das prospecções de futuro desenvolvidos pela escola e uma imensa rede de ‘ditos’ e ‘não ditos’ (RIGUE, 2017, p. 127).

Na oficina que desenvolvemos, foi possível percebermos a dificuldade que, por vezes, transformou-se em um incômodo dos estudantes que estavam ali, conosco, experimentando do “Método de perguntas e respostas” de Pina Bausch. Em alguns momentos, o convite que fazíamos para que os mesmos concentrassem suas atenções para um movimento que os remetesse a palavra “vontade”, por exemplo, parecia soar como algo distante, inacessível.

Encontramos efeitos dos mecanismos disciplinares e de controle por onde quer que deambulemos. São gestos e movimentos que se estipulam conforme uma determinada sociedade são micro-relações, cada uma com seus códigos de obediência e servilismo. O espaço, o lugar em que estamos inseridos; nossa localização no espaço geográfico como pontos, nos localiza e nos faz emitir signos a serem realizados e reproduzidos (GUARIENTI, 2012, p. 204).

Historicamente, as diferentes instituições, inclusive as instituições escolares, propuseram apenas “[...] ‘educar fisicamente’ as crianças, oferecendo-lhes aulas de esporte e/ou condicionamento físico. Mais uma vez, aprisiona-se o corpo da criança em práticas muito distantes da sua genuína expressão corporal” (SAMPAIO, 1991, p. 65), isso porque, investe-



se muito no intelecto-cognição, em detrimento das expressões vivas que habitam os corpos, os impulsos, as ações, pulsões, afetos. “Convidam-nos sempre a submeter-nos, a sobrecarregar-nos com um peso, a reconhecer apenas as formas reactivas da vida, as formas acusatórias do pensamento” (DELEUZE, 1965, p. 20).

Adultos, quando amedrontados com um convite de cultivo acerca de uma atenção para o próprio corpo, as próprias expressões do corpo parecem voltar a um silêncio que, por vezes, perturba. Um silêncio que carrega consigo uma dificuldade de desenvolvimento de uma qualidade da atenção, já que pensamentos como “o que vão pensar de mim”, “isso é desnecessário”, “que bobagem é essa”, operam pela via do julgamento moral o qual foram “educados” durante toda uma trajetória de vida. Um julgamento que governa ações, penaliza pensamentos e vontades. Linhas que ressoam nas mentes controlando os impulsos, operacionalizando uma conduta de comportamento. Uma política que regula o corpo, no íntimo da nossa relação singular, que também atravessa a relação com/entre os outros.

Embora durante alguns momentos tenhamos percebido alguns desses fios de constrangimento e conduta, quando nos colocamos em movimento e, ao mesmo tempo, percebemos alguns darem esse passo, emergiu a chance de “[...] compor com as infinitas materialidades que estão aí, à nossa disposição” (DALMASO, 2020, p. 63), essas vidas, esses corpos orgânicos e inorgânicos que habitam o espaço-tempo. Cada pergunta, cada perturbação que a pergunta ia produzindo, vinha ao encontro de produzir alguma outra coisa, alguma habitação que inventasse um modo/jeito de produzir resposta, sem fazer uso da linguagem falada, como efetuamos com frequência. Um desvio, um movimento, um “[...] deambular por percursos intensos” (GUARIENTI, 2012, p. 214) - uma intensidade pulsante do/no corpo para além das formas formais e formalizadas.

Uma potência que aparece como minoria. O que interessa aí vem ao encontro do que pensa Deleuze (2013b) quando atenta para a compreensão de maioria e minoria:

As minorias e as maiorias não se distinguem pelo número. Uma maioria pode ser mais numerosa que uma maioria. O que define a maioria é um modelo ao qual é preciso estar conforme: por exemplo, o europeu médio adulto macho habitante das cidades... Ao passo que uma minoria não tem modelo, é um devir, um processo (p. 218).

Com a oficina, buscamos acessar essa atenção para o corpo como um devir. Como uma atenção às “[...] multiplicidades de potências em agir no terreno educacional” (GUARIENTI, 2018, p. 117). Uma minoria que, com a potência, cria, pensa, dá liberdade de criação. “Pensar é chegar ao não estratificado. Ver é pensar, falar é pensar, mas o pensar opera no interstício, na disjunção entre ver e falar” (DELEUZE, 2013a, p. 93-94). Uma chance de pulverizar a noção do homem contemporâneo endividado, preso a estigmas como o “belo-



feito”, “bom-ruim” - representações identitárias que cercam nossas práticas de vida e de histórias.

Liberar e produzir práticas de escuta das pulsões que dão vazão às intensidades que habitam o corpo é tentar trazer para perto espaços e compreensões outras, não como algo distante ou inacessível, ao contrário, presentificados em nossas existências humanas. Criar instantes de autonomia é viver o cuidado de si com o outro. É potencializar a afirmação da vida, criando valores novos, fazendo da vida leve e ativa (DELEUZE, 2013b, p. 233). Como um devir-criança que “[...] não se permite pedagogizar pelas ações de ordem, não as psicologiza, não castra, não conduz, não transfere, não subordina, ao contrário, abre significantes às multiplicidades que as subjetividades podem” (GUARIENTI, 2018, p. 120).

Figura 4: Composições de respostas ao final da oficina.



Fonte: Acervo das pesquisadoras (2019).

Justamente por não sabermos o que pode um corpo, a oficina deu a chance de acessarmos o inusitado, “[...] potencializar as decisões traçadas na imprevisível vida” (GUARIENTI, 2012, p. 213). Já que, com o que experimentamos no viver oficineiro, permitiu sentirmos e compreendermos que o corpo - embora por vezes capturado por algumas linhas que permitem apenas a emissão de discursos e julgamentos morais - não aguenta mais a vinculação permanente às velhas formas, às normatizações e à padronização das condutas. O corpo não suporta mais seu próprio contorno, pois está pedindo passagem para uma nova resolução de apresentação e sentidos, com abertura para outras forças e intensidades. Com Ceccim e Palombini (2009) entendemos que a vida é o que excede no vivo; não é a sobrevida, é o que no vivo se dá como abertura temporal à criação. A vida como expressão,



como cuidado. Nesta possibilidade, traçar meios de vivência significativa envolve deixar para trás territórios do “sempre o mesmo”, de reposição reiterativa do mesmo, tendo à frente existências e corporeidades inventivas; contato com a diferença; aberturas para a potência da criança e da infância se efetuar enquanto acontecimento, como maquinação, como horizonte, como aventura.

Como um devir-criança “[...] o corpo; aquele que deambula (intensivamente e extensivamente) não carrega sua vida na mochila, mas em si mesmo, ele tem prazer por aquilo que faz de si e da sua vida” (GUARIENTI, 2012, p. 215). A criança, nesse lugar, é um conjunto de potências onde sua marca é sua expressão por intensidades. Sua aprendizagem ocorre pela experimentação do mundo. A criança realiza o encontro real-imaginário. O imaginário infantil conta com um corpo com órgãos (seu corpo físico) e com um corpo acessório (sem órgãos) com o qual ela se compõe o tempo todo; por isso pode entrar em diferentes sintonias, realizar diferentes acoplamentos com o que vive (MALAVOLTA, 2017).

Para Guattari (1987) o devir-criança afirma que uma revolução, em qualquer domínio que seja, passa pela libertação prévia de uma energia de desejo e pelo fim de todas as relações de alienação que pesam sobre as mulheres, as crianças, as minorias sexuais, as sensibilidades atípicas, sobre o amor aos sons, às cores, às texturas, às ideias. Ademais, o devir-criança considera o inconsciente em sua abertura, conectando-se com as forças que compõem encontros e acasos; mais do que reservatório traumático das representações, ele é a criança pulsante que habita no adulto.

Como força de vida e força de pensamento em Nietzsche, como afirmação da vida, “Martelo e transmutação” (DELEUZE, 1965, p. 19) - o impulso e o entusiasmo que habita o devir-criança em nós, convida-nos a produzir outros tantos modos de vida. “Os modos de vida inspiram maneiras de pensar, os modos de pensar criam maneiras para viver. A vida activa o pensamento e o pensamento, por seu lado, afirma a vida” (DELEUZE, 1965, p. 17-18).

Criar, tornar, deslocar. Afirmar a diferença e a variação. Modular uma afirmação na vontade de poder onde “[...] há alegria prática do diverso” (DELEUZE, 1965, p. 29). Devir-criança - afirmação do corpo vivo que vive, que precisa da “[...] necessidade do acaso” (DELEUZE, 1965, p. 30).

Considerações em fluxo

A oficina veio ao encontro de abrir nossos poros para uma atenção ao corpo - “[...] um afeto de si para consigo” (DELEUZE, 2013a, p. 111). A esse corpo que pulsa, que pede para se descolonizar dos “[...] corpos solidificados” (STIRNER, 2001, p. 79), de práticas e posturas



que reprimem as vontades, as intensidades que vem e vão, habitam nossas existências. Ruídos de vida que, em cada mínimo detalhe, convocam a instaurar novas formas de cuidado, respostas desvinculadas da linguagem falada, argumentada, alfabetizada. Uma linguagem do corpo, de um por vir brincante, que não sabe, que tem medo, mas que ousa e se lança. Um corpo que experimenta, que rizoma, indo ao encontro de inesperados aprendizados.

A possibilidade de habitar a experimentação de oficinas o método de perguntas e respostas em Pina Bausch deu chance para que pudéssemos afirmar ativamente a potência de experimentar o corpo que habita o acaso em educação. De uma “[...] implicação no mundo, um compromisso com o mundo, nessas esferas da vida (...)” (RIGUE, 2020, p. 40), que abraçam o inusitado, os intervalos, as intensidades que pulsam deambulantes em nossas vivências em educação.

A singularidade do devir-criança - em toda sua potência de invenção, performatividade e aventura - apresentou-se como elemento poético e ético para a composição da oficina proposta. Um deslocamento ativo remetendo ao corpo e suas multiplicidades que rizomam na experimentação, desconstrução e afirmação da potência das intensidades que habitam a vida. Habitam, pois, educação.

Referências

- AGAMBEN, G. **O que é o contemporâneo?** E outros ensaios. Chapecó: Argos, 2009.
- CECCIM, R. B.; PALOMBINI, A. L. **Imagens da Infância, Devir-criança e uma formulação à educação do cuidado.** *Psicologia & Sociedade*; 21 (3), p. 301-312, 2009.
- CORREA, G. C. **Oficina:** apontando territórios possíveis em educação. 1998. Dissertação (Mestrado em Educação)–Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1998.
- DALMASO, A. C. **Fiandografia:** variações, contaminações, modos (infinitos) de pensar, ler e escrever em educação. In: RIGUE, F. M.; OLIARI, G.; STURZA, R. B. **Fios Invisíveis em Educação.** Veranópolis: Diálogo Freireano, 2020, p. 53-66.
- DELEUZE, G. **Nietzsche.** Lisboa: Edições 70, 1965.
- DELEUZE, G. **Lógica do sentido.** São Paulo, Perspectiva, 2000.
- DELEUZE, G. **Foucault.** São Paulo: Brasiliense, 2013a.
- DELEUZE, G. **Conversações.** São Paulo: Editora 34, 2013b.
- DELEUZE, G. **Nietzsche e a filosofia.** São Paulo: n-1 edições, 2018.
- GALHÓS, C. **Pina Bausch – Sentir mais.** Alfragide: Publicações Dom Quixote, 2010.



GUARIENTI, L. B. de O. A potência do espaço como desvio no aprender dos corpos deambulantes. **Geograficidade**. v.2, Número Especial, p. 202-217. 2012.

GUARIENTI, L. B. de O. Aprender com René Schérer. **Linha Mestra**, n.35, p. 116-122, maio, 2018.

GUATTARI, F.; ROLNIK, S. **Micropolítica: cartografias do desejo**. 9ª edição. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

LARROSA, J. O Ensaio e a Escrita Acadêmica. **Educação e Realidade**, v. 28, n. 2, p. 101-115, 2003.

MALAVOLTA, A. P. P. **Performance, Corpo, Limite e Acontecimento: uma experiência através das Artes Visuais**. 2017. Dissertação (Mestrado em Artes Visuais)-Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2017.

MALAVOLTA, A. P. P.; RIGUE, F. M.; BIAZUS, C. B. Em Defesa de um corpo-potência: notas sobre educação e política. **Revista Interinstitucional Artes de Educar**. Rio de Janeiro, v. 6, n.1, p. 92-118, janeiro-abril, 2020.

PEREIRA, M. de A. **La espacialidad de los afectos en Pina Bausch**. Telondefondo (Buenos Aires), n.16, p. 205-216, 2012.

PEREIRA, M. de A. Entre o Relato e a Paródia: Pina Bausch e suas re-leituras na pesquisa acadêmica brasileira. Rev. Bras. **Estudos da Presença**, Porto Alegre, 2018.

PEREIRA, M. de A.; BERTAZZO, M. S.; MALAVOLTA, A. P. P. As Paisagens de Pina Bausch. **Revista da Fundarte**, Montenegro, p.546-559, ano 19, nº 37, 2019.

RIBEIRO, D. S. **Da oficina, do ofício, do oficineiro**. 2018. Dissertação (Mestrado em Educação)–Universidade do Estado de Santa Catarina, Florianópolis, 2018.

RIGUE, F. M. **Uma Genealogia do Ensino de Química no Brasil**. 2017. Dissertação (Mestrado em Educação)–Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2017.

RIGUE, F. M. Mundo comum e escolarização: um ensaio necessário. In: RIGUE, F. M.; OLIARI, G.; STURZA, R. B. **Fios Invisíveis em Educação**. Veranópolis: Editora Diálogo Freireano, p. 39-52, 2020.

SAMPAIO, S. Corpo e aprendizagem. In: MELLO, D. de. **Diário de Bordo**. Rio de Janeiro/São Paulo: Grupo Experimental, 1991, p. 49-57.

STIRNER, M. **O falso princípio da nossa educação**. São Paulo: Editora Imaginário, 2001.

Recebido em: 30/06/2020

Aceito em: 30/07/2020

[1] Doutora (2020) e Mestra (2017) em Educação pelo Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal de Santa Maria. Licenciada em Química (2015) pelo Instituto Federal Farroupilha - Campus São Vicente do Sul. E-mail: fernanda_rigue@hotmail.com.



^[2] Doutora (2020) em Educação pelo Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal de Santa Maria. Mestra (2017) em Artes Visuais pelo Programa de Pós Graduação em Artes Visuais da Universidade Federal de Santa Maria. Psicóloga (2015) pela Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões URI - Campus Santiago. E-mail: anamalavolta@gmail.com.